

RAÍZES

SÉRIE CRIADA E PRODUZIDA POR
WAGNER JALES

EPISÓDIO ESCRITO POR
LEO CARDZ

CONTEÚDO IMPRÓPRIO PARA MENORES DE **16 ANOS**

O boto cor-de-rosa é uma lenda do folclore brasileiro, sendo muito influente na região Norte do país. Fala de um boto que se transforma em um homem belo e sedutor. Na forma humana, o boto seduz mulheres para engravidá-las. Essas mulheres são abandonadas pelo ser, que retorna para o rio em sua forma animal.

EPISÓDIO

ENCANTO DO MAL

ELENCO

MICAEL BORGES como Vitor (o Boto)

CAROLINE DALLAROSA como Andréa

GIOVANNA ANTONELLI como Dora

ERIBERTO LEÃO como Paulo

FERNANDA MONTENEGRO como Lucinda

ENRIQUE DIAZ como Paranhos

JUCA DE OLIVEIRA como Junqueira

FLÁVIO TOLEZANI como Mendonça

MAICON RODRIGUES como Téo

JANDIR FERRARI como Carlos

RAQUEL VILLAR como Luana

PAULO TIEFENTHALER como Perito

CENA 01 — EXT. FAXADA CASA DE ANDRÉA — NOITE

Legenda: "Amazonas, presente."

Uma casa grande de dois andares, afastada da cidade, recanteada muito parecida com casa de rancho.

TEMPO, E:

CENA 02 — INT. CASA DE ANDRÉA — QUARTO DE ANDRÉA — NOITE

ANDRÉA (20 e poucos anos) está junto a LUANA (20 e poucos anos), sua melhor amiga, provando algumas últimas roupas para sair para uma festa.

ANDRÉA — Ah, eu não sei, não, Lu. Eu tenho poucas roupas e as que tenho são simplesinhas, roupas que uso no dia a dia.

LUANA — Mas aí é que tá, amiga. Você precisa aprender a usar o que tem, porém, variar as formas. (levanta, pega uma saia) Ó, tá vendo essa saíinha? É linda e combina muito bem com... Deixa eu ver... (pega uma blusa) Olha. Combinam, não?

ANDRÉA — Hummm... Não sei. Será?

LUANA — Veste, boba. E depois, você precisa se mostrar mais. Você precisa ser vista!

ANDRÉA — Tá, sei.

LUANA — Anda, veste.

CORTA PARA: Andréa já vestida na saia e blusa, diante o espelho do quarto. Sorrir.

LUANA — Tá vendo? Você está linda! Vai arrasar.

Andréa sorrir, pega a bolsinha.

LUANA — Divirta-se! Ah, e vê se faz o que eu faria, tá?

ANDRÉA — Vou tentar fazer o que você não faria, é melhor.

Riem.

Andréa sai.

CENA 03 — INT. CASA DE ANDRÉA — SALA — NOITE

Andréa vai descendo às escadas, seu pai CARLOS (50 e poucos anos), está sentado no sofá, uma garrafa de cerveja nas mãos, assistindo a um programa na tevê.

ANDRÉA — Pai, tô indo me encontrar com uns amigos, tá?

Carlos está vidrado na tevê.

CARLOS — Certo, filha. Não demora. Tome cuidado!

ANDRÉA — Certo, pai.

Andréa parte.

CENA 04 — INT. BARZINHO DO RECANTO — NOITE

Andréa entra, muito tímida. Vai despontando o salão, devagar. Alguns rapazes em um grupo de conversa olham para ela, moças também. Andréa fica sem jeito.

Até que um amigo seu ao fundo, em outro grupo, acena. Ela reconhece, sorri e vai até eles.

CORTA PARA:

CENA 05 — EXT. BEIRA DO RIO — NOITE

Somos surpreendidos por uma MÃO MASCULINA que vai saindo do rio rastejando na areia. Uma mão estranha, com alguma substância viscosa sobre a pele. O homem faz uns sons muito parecido com grunhido, estranho.

Até que, subitamente, se levanta e logo vemos seus OLHOS muito estranhos. Tomado por uma cor AMARELA muito forte, intensa, quase que demoníaca.

NO SUSTO, E:

CENA 06 — INT. BARZINHO DO RECANTO — NOITE

Andréa conversando com os amigos, muito entrosados.

Um rapaz despenca a entrada do bar, muito elegante. Carrega um chapéu branco na cabeça. Muito bonito. Vai até o barman, pede uma bebida.

Andréa, mesmo um pouco distante, encontra este rapaz, não para de olhá-lo. Ele também encontra seus olhos, sorri. Andréa intimida-se, abaixa a cabeça. Mas não suporta, olha de novo e se ASSUSTA ao se deparar com ele já em sua frente. Os dois riem. Este rapaz é VITOR (30 e poucos anos).

VITOR — Você é daqui?

ANDRÉA — (desconsertada) Aqui? Aqui onde?

VITOR — Da cidade.

ANDRÉA — Ah, sim. Sou. Sou da cidade, sim. Na verdade, eu nasci aqui. Você é que eu nunca vi por aqui.

VITOR — Eu sou de uma cidadezinha aqui perto. Vitor é o meu nome.

ANDRÉA — Andréa, Andréa é o meu.

Vitor passa as mãos sob as mãos de Andréa. Ela sorri, sem jeito. Ela nunca foi cortejada como agora.

VITOR — Você é linda sabia, Andréa.

ANDRÉA — Ah, obrigada. Você... Você também é muito bonito. Um gato, como diria minha amiga. Esse chapéu é o seu charme?

VITOR — É, pode ser.

Andréa se vê hipnotizada por Vitor

VITOR — Você parece ser uma pessoa legal, Andréa. Cê tem um sorriso lindo, sabia? Um sorriso... Encantador. Será que a gente podia ir para um lugar mais tranquilo, reservado...?

ANDRÉA — Um lugar tranquilo?

VITOR — Sim. Você vem?

Seduzida, Andréa não está sóbria. Ela dá as mãos para Vitor, que logo sorri, e vemos seus olhos intensamente amarelados novamente.

CENA 07 — EXT. FLORESTA — NOITE

Ouvimos um GRITO estrondoso.

Em meio a mata escura e assombrosa, Andréa corre sem direção. Roupas rasgadas, machucada na testa, sangrando. Corre. Parece que algo persegue atrás dela, faz barulho entre os galhos.

Andréa corre, corre sem direção, até que tropeça e cai. Ela levanta, com medo, ofegante.

Um silêncio toma espaço.

Até que ouvimos um barulho de galhos secos sendo quebrados, ela se assusta.

ANDRÉA — (desesperada) Por favor, deixa eu ir... Não me mata!

Andréa vai andando de costas cuidadosamente.

E, ao se virar, dá de CARA com Vitor com os olhos amarelos e um sorriso assustadoramente maníaco.

Andréa, com os olhos arregalados, grita.

CORTA PARA:

CENA 08 — EXT. FACHADA DELEGACIA DE POLÍCIA CIVIL DO AMAZONAS — DIA

Um prédio alto, movimentado. Muitas pessoas na porta fazendo alguma categoria de protesto carregado de cartazes com fotos de garotas desaparecidas e outras tantas mensagens.

FUNDE COM:

CENA 09 — INT. DELEGACIA DE POLÍCIA CIVIL DO AMAZONAS — DIA

DORA (30 e poucos anos) analisa os casos de meninas desaparecidas na região com o seu parceiro PAULO (40 e poucos anos) diante a um grande painel com diversas fotos e possíveis responsáveis.

DORA — Não é possível que durante meses de investigação, nós estejamos ainda na estaca zero!

PAULO — Calma, Dora.

DORA — Como calma, Paulo? Você já contou a quantidade de moças que desapareceram? Sete, só nessa semana.

PAULO — Sete, Dora? Que eu saiba, foram cinco encontradas e outras duas estão desaparecidas ainda.

DORA — Encontradas já sem vida, você quer dizer. Só sei que a cada dia que passa eu vejo que estamos lidando com alguém muito perigoso.

PAULO — Você fala de um jeito, parece que já sabe quem é.

DORA — Não, eu não sei, mas imagino quem seja.

PAULO — E quem é?

Um policial se aproxima e avisa:

POLICIAL #1 — Detetives, o delegado quer falar com vocês agora.

TEMPO, E:

CENA 10 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AM. — SALA DO DELEGADO — DIA

Carlos diante do delegado PARANHOS (50 e poucos anos), afirma que a filha desapareceu.

CARLOS — Eu estou te dizendo, doutor: minha filha sumiu e desde ontem não retornou pra casa! Eu tenho medo de que ela possa ter sido pega por esse criminoso de que tanto falam.

PARANHOS — Calma, seu Carlos. Minha equipe está na ativa e na caça do culpado dos desaparecimentos da cidade. Quanto a sua filha, não posso abrir um B.O agora. Pelo horário que o senhor disse, não tem vinte e quatro horas do sumiço dela.

Dora e Paulo entram.

CARLOS — Mas, doutor.../

PARANHOS — Olha só, vá pra casa. Espera por mais um tempo. Sua filha pode estar na casa de algum namoradinho até agora, e o senhor tá aí todo preocupado.

CARLOS — Será?

PARANHOS — Vá por mim. Jovens nessa idade, ainda mais meninas, só querem saber de namorar.

Dora reage mal à fala de Paranhos, olha para Paulo.

Carlos levanta.

CARLOS — Vou pra casa. Qualquer coisa eu volto aqui.

PARANHOS — Volta, sim.

CARLOS — Dá licença.

Carlos sai.

DORA — Quer dizer que jovens, ainda mais meninas, só querem saber de namorar, é?

PARANHOS — Dora! Minha detetive predileta, por favor, não leve tudo que digo ao pé da letra.

DORA — Imagina, eu não levo.

PARANHOS — Como anda o caso das desaparecidas?

PAULO — Não anda.

PARANHOS — Como assim não anda?

PAULO — Não descobrimos nada. Não sabemos ainda quem é a pessoa que está fazendo isso.

PARANHOS — Mas vocês precisam descobrir. Tô com um monte de desocupado na porta da delegacia atrás de notícias, repórteres na minha cola. Quê que eu digo? Que a minha equipe é uma merda e não descobriram nada, mesmo estando há meses investigando esses casos?

DORA — (estressada) Olha aqui/

PAULO — Delegado, nós vamos dar continuidade ao nosso trabalho. Tenha certeza que iremos descobrir o culpado.

PARANHOS — Bom, assim espero. Mas como eu não tenho muito tempo, vou colocar vocês na berlinda.

DORA — Berlinda?!

PARANHOS — Sim, uma comitiva de imprensa. Que tal?

REAÇÕES, E:

CENA 11 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AMAZONAS — AUDITÓRIO — DIA

O local está cheio. A mesa composta por Paranhos, Dora, Paulo e mais alguns agentes. Toda a população e repórteres querendo respostas, indagando. Paranhos pede silêncio.

REPÓRTER #1 — Delegado Paranhos, a polícia está há meses investigando os casos de desaparecimento de moças no estado do Amazonas, e é inacreditável que não tenham descoberto nada ainda. É sério isso?

PARANHOS — Meu jovem, assim como você, também estou preocupadíssimo com a falta de informações acometida à minha equipe. É uma lástima. Esses dois aqui, detetives empenhados nessa caçada, vieram hoje compartilhar o que descobrimos.

Paranhos faz sinal para Paulo, que está um pouco nervoso.

PAULO — Bom, a polícia tem feito todo o possível para encontrar o suspeito dos sequestros e assassinatos. (está nervoso, suando) Estamos empenhados...

Dora percebe o nervosismo do parceiro, o público também.

PAULO — Mas, infelizmente.../

Dora toma a frente.

DORA — Um serial killer!

TODOS tomam um susto, alvoroço.

REPÓRTER #1 — Como é?

DORA — Isso que vocês ouviram. Um serial killer pode ser o culpado por todo esse caos. O sumiço das vítimas tem uma ligação, um elo... Existe uma assinatura nos assassinatos dessas garotas, e sendo assim, acreditamos ser um serial killer.

REPÓRTER #1 — Mas vocês têm provas contra isso?

PARANHOS — Não. Ainda não temos, porque não passa de uma loucura!

A confusão está armada. Todos fazendo perguntas a polícia em simultâneo.

Dora, estressada, observa no fundo do auditório uma senhora te olhando atentamente. Essa senhora é LUCINDA (80 e poucos anos). Lucinda olha diretamente para Dora, as duas se encaram.

A confusão por conta do medo é instaurada.

PARANHOS — Silêncio, por favor! Silêncio!

Todos vão se levantando das cadeiras, uns indo embora, e Dora, sem saber quem é a misteriosa senhora, perde Lucinda de vista.

Ela se levanta...

PAULO — Dora!

Dora não ouve e vai atrás.

CENA 12 — EXT. DELEGACIA DE P.C. DO AMAZONAS — DIA

Dora sai atordoada, procurando Lucinda. Olha para todos os lados, mas não a encontra.

TEMPO, E:

CENA 13 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AMAZONAS — DIA

Dora e Paulo, já calmos, um em frente ao outro.

PAULO — Que foi aquilo?

DORA — Aquilo o quê?

PAULO — Você causou mal-estar nas pessoas que estavam ali esperando por respostas.

DORA — Ué, mas eu dei.

PAULO — Não, aquilo não foi uma resposta, aquilo foi um palpite, e um palpite infundado. Nós não temos certeza se estamos tratando de um serial killer ou não. Não temos provas.

DORA — Tá, desculpa. Falei no impulso.

PAULO — E por que você saiu do auditório daquele jeito?

DORA — Não foi nada.

PAULO — Dora...

DORA — Eu vi uma pessoa estranha. Foi isso. Mas não é nada de mais. Pode ter sido algum morador curioso.

PAULO — Bom, o melhor é retornarmos à investigação.

DORA — Mas tenho certeza que esse cara é o culpado.

PAULO — Cara? Que cara, Dora? Nem sabemos ainda se é um homem ou uma mulher. A única certeza que temos é que todas as garotas que desapareceram, antes passaram pelo bar do recanto.

DORA — Você acredita que podemos encontrar respostas lá?

PAULO — É um palpite.

Os dois se olham, e

CORTA PARA:

CENA 14 — INT. BARZINHO DO RECANTO — DIA

Dora e Paulo entram. Tudo vazio. As cadeiras viradas em cima das mesas. Apenas um funcionário que está limpando os copos atrás do balcão, TÉO (20 e poucos anos).

TÉO — Oi. Estamos fechados.

DORA — Não queremos bebida, apenas te fazer umas perguntas, tudo bem?

CORTA PARA:

Téo, Dora e Paulo sentados numa mesa. Téo analisa umas fotos de algumas garotas encontradas mortas, e outras fotos casuais de garotas desaparecidas.

DORA — Então, você conhece alguma?

TÉO — Bom, não sou bom de gravar fisionomia, mas olhando assim... Eu consigo lembrar de algumas delas aqui no bar.

PAULO — Já é algo.

TÉO — Por quê? Eu sou suspeito?

DORA — Bom, me diga você.

TÉO — Olha, cara, eu não conheço essas garotas, tá? Vi elas uma ou duas vezes aqui no bar, servi umas bebidas e só. Não sou amigo delas.

PAULO — Bom, você sempre fica dali, não é?

TÉO — De onde? Do balcão?

DORA — Sim.

TÉO — Sim, eu fico. A noite toda.

PAULO — Imagina-se, então, que você acompanha toda a panorâmica do bar. Vê quem entra, quem sai... Observa os namoros, os beijos... Os amassos.

TÉO — Ih, quê que é? Tá pensando que sou tão sádico assim?

DORA — Estamos acreditando que você pode ter visto algo de estranho acontecer na noite que essas garotas desapareceram ou alguém estranho passar por aqui.

TÉO — Não, não lembro de ter visto nada. Vocês me desculpem, a casa sempre lota nos finais de semana, e outras vezes até em dias normais, então, sempre fico atarefado atendendo quem chega. Não vejo nada.

Téo balança as pernas constantemente embaixo da mesa, Dora percebe.

DORA — Parece nervoso, Téo?

TÉO — Eu, nervoso? Imagina. Quem é que fica pleno com dois policiais te fazendo uma série de perguntas diante de um montante de fotos de garotas assassinadas, né?

Dora e Paulo ficam sérios. Téo percebe que a piada não colou e se desfaz.

PAULO — Está certo, Téo.

Paulo recolhe as fotos.

DORA — Por enquanto, é só isso.

TÉO — Isso quer dizer que tô livre e não sou um suspeito?

DORA — É, pode ser. Mas por enquanto.

Paulo e Dora saem.

CENA 15 — EXT. BARZINHO DO RECANTO — DIA

Dora e Paulo conversam sobre Téo.

PAULO — Acredita que ele pode ser um suspeito?

DORA — Não sei... Você viu que ela tava nervoso com as nossas perguntas?

PAULO — Vi. Ou ele é o culpado ou nunca foi enquadrado por dois policiais.

DORA — No Brasil? Acho isso um pouco difícil.

PAULO — Sendo ou não, vamos manter ele por perto.

Os detetives entram na viatura. Téo observa pela janela eles irem embora.

CENA 16 — EXT. CASA DE DORA — NOITE

Paulo estaciona a viatura. Dora está tensa, alheia.

PAULO — Está tudo bem?

DORA — Hã?

PAULO — Perguntei se está tudo bem.

DORA — Não, estou. Estou bem, sim. Não se preocupe.

PAULO — Sabe, Dora, eu tenho visto você nos últimos meses andando muito tensa, nervosa. Não pensa que está na hora de tirar umas férias?

DORA — Tá brincando? Eu não posso sair de cena antes de terminar esse caso.

PAULO — Mas eu e o restante da equipe damos conta de tudo. Ó, você podia fazer aquela viagem pro Rio de Janeiro que você tanto queria. Pode ir visitar seus primos que estão lá e/

DORA — Não, Paulo, eu estou bem. Garanto. Adoraria tirar uns dias de férias, quem não? Mas, agora, nada vai me fazer mais feliz e descansada do que pegar o criminoso que tem feito essas barbaridades com essas moças.

Paulo põe sua mão na perna de Dora.

PAULO — Você é muito importante para mim, não sabe?

Dora acaricia a mão de Paulo que está em sua perna.

DORA — (sorri) Eu estou bem.

Dora beija Paulo na bochecha, sentimos um leve clima entre os dois, mas algo que não vai à frente.

DORA — Bom, boa noite. Estou cansada, tudo que preciso hoje é de banho e cama.

Dora sai da viatura. Acena para Paulo, que olha para a colega instantes e vai indo com a viatura.

FUNDE COM:

CENA 17 — INT. CASA DE DORA — QUARTO — NOITE

Dora sai do banho enrolada numa toalha, pega sua taça de vinho sob o armário, bebe um gole. Sob o mesmo armário, ela olha para um porta-retrato com uma foto dela e de Paulo juntos bem abraçados num momento feliz. Ela sorri.

Tira a toalha e veste seu pijama sobre a cama. Liga a televisão.

De repente, uma corrente de ar entra no quarto, Dora sente frio, vai até à janela para fechá-la e estranha quando vê novamente Lucinda, desta vez na frente de sua casa olhando para a sua janela.

Dora estranha, fecha a janela, ajeita as cortinas. Vai até o armário, abre a gaveta, pega sua arma, apaga as luzes e sai do quarto.

CENA 18 — EXT. FRENTE DA CASA DE DORA — NOITE

Dora sai com arma em punho. Não vê mais ninguém.

Ouve um barulho de tropeço em garrafas de vidro que vem da lateral da casa, que dá acesso ao seu quintal.

Dora segue o barulho.

CENA 19 — EXT. FUNDOS DA CASA DE DORA — NOITE

Dora vai se aproximando, procura por alguém. Nada.

De repente, torna a ouvir o barulho novamente, agora um pouco mais a frente. Ela se aproxima devagar, vê que tem ao lado um arbusto que começa a chacoalhar.

Dora, intrigada, apreensiva, mira sua arma. O movimento do arbusto aumenta. Dora arregala os olhos, até que tudo para e/

Sai de dentro do arbusto DOIS gatos.

Dora relaxa da tensão.

CENA 20 — INT. CASA DE DORA — QUARTO — NOITE

Dora deixa a arma ao lado de sua cama. Puxa o cobertor e se deita.

TEMPO, E:

CENA 21 — EXT. CASA DE DORA — DIA

Paulo acaba de estacionar a viatura na porta de Dora, que já vai saindo de casa.

Dora entra na viatura.

PAULO — Eu não acredito que já estamos de pé à essa hora da manhã.

DORA — Paulo, já são sete horas da manhã.

PAULO — Pra mim, isso é muito cedo.

DORA — (ri) Tá bem. Pare de ser reclamão e vamos logo.

PAULO — Para aonde vamos?

DORA — Você leu minhas mensagens?

PAULO — Hã...

DORA — Não leu, claro. Nós vamos pra casa de seu Carlos. A filha dele ainda não apareceu.

PAULO — Mais uma desaparecida?

DORA — Parece que sim.

PAULO — Minha nossa!

Paulo arranca com o carro.

CENA 22 - INT. CASA DE ANDRÉA — SALA — DIA

Os detetives falam com Carlos e Luana.

PAULO — Lamentamos não ter vindo antes, seu Carlos, mas é que estávamos resolvendo outro problema. (T) Bom, o senhor disse que a sua filha desapareceu. Pode dizer mais sobre isso?

Dora verifica fotos em cima dos móveis da casa.

CARLOS — Andréa sempre foi uma menina simples, tímida. Nunca foi de sair e voltar tarde da noite. Na noite passada, ela disse que iria ver uns amigos no bar do recanto, eu disse pra ela não demorar e tomar cuidado... Mas de nada adiantou.

Carlos não se contém e chora.

DORA — Vocês sabem se a Andréa tinha amigos ou namorado?

LUANA — Não, não. Eu era.../(corrige) Eu sou a única amiga dela. Andréa gostava de ficar distante de tudo que terminava em festa, bebida. Ela demorou muito pra começar a sair, mesmo eu insistindo. Na noite passada, eu insisti pra que ela fosse ao bar do recanto.

DORA — E por quê?

LUANA — Eu sou amiga da Andréa desde pequena e, em todos esses anos, nunca vi ela namorando. Então, marquei com o cara que ela gostava no bar e pedi pra ela ir. Era pros dois se encontrarem e quem sabe...

DORA — Entendi. Você pode dizer quem é esse cara?

LUANA — Téo, funcionário do bar.

PAULO — Ah, o Téo.

LUANA — Vocês conhecem ele?

CARLOS — (desesperado) Detetives, por favor, encontrem a minha filha. Encontrem-na. Eu não vou suportar ficar aqui esperando.

Dora se aproxima de Carlos, põe a mão no ombro dele.

DORA — Nós vamos encontrar a sua filha, seu Carlos. Pode ter certeza.

Carlos força um sorriso.

TEMPO, E:

CENA 23 — INT. VIATURA DE POLÍCIA — DIA

Paulo dirigindo.

PAULO — Não é incrível como Téo tá de novo nas nossas vistas? Tô começando a pensar que ele é o assassino de verdade.

DORA — É, pode ser, mas vamos com calma. E depois, eu tenho algumas dúvidas ainda.

PAULO — Quais?

Dora, neste exato momento, vê Lucinda na calçada da rua, estagnada, te olhando.

DORA — Para o carro, Paulo!

PAULO — Por quê?

DORA — Para o carro agora!

Paulo freia o carro.

PAULO — O que houve?

Dora desce do carro. Não vê mais Lucinda. Ela procura, atenta, até que ver a senhora indo em direção a um beco. Dora corre atrás.

Paulo sai da viatura e segue.

CENA 24 - EXT. BECO DE RUA — DIA

Lucinda entra no beco. Muito suspeita. Dora vem em seguida.

DORA — Senhora! Ei, você! (saca a arma, ameaça) Parada! Se a senhora correr, eu atiro!

Lucinda para. Devagar, ela vira para Dora.

DORA — Quem é você? Por que tem ido à minha casa tarde da noite? Por que anda me perseguindo? Por quê?

LUCINDA — Você, minha filha, você precisa salvá-lo! Você!

DORA — Do que a senhora tá falando? Salvar? Salvar quem?

LUCINDA — Ele não é o culpado! Não foi culpa dele!

DORA — Quem?

Paulo chega com a arma em punho.

LUCINDA — Ele é inocente! Tudo isso é culpa daquela farmacêutica! O mal está saindo de lá e está matando nossos peixes, poluindo nossos rios... Tirando nossas vidas. Ele não é o culpado, coitado. Ele tá sendo usado. Você precisa me ajudar a encontrá-lo. Ajude-nos!

DORA — Senhora, eu não tô entendendo. É melhor a senhora nos acompanhar até a delegacia.

LUCINDA — Não, não posso. Não temos tempo.

Lucinda sai correndo.

DORA — Ei! Volta aqui!

Lucinda já vai longe.

PAULO — Mas que velha doida! O quê que ela queria?

O celular de Paulo toca. Ele atende.

DORA — (pasma, sem entender) Eu não sei...

PAULO — Dora, temos que ir por IML agora. Encontraram outro corpo.

EM DORA:

CENA 25 - INT. DELEGACIA DE P.C. DO AMAZONAS — PERÍCIA — DIA

Um corpo feminino vestido com uma blusa e calcinha está sob a maca. O corpo está muito pálido com indícios de ter estado durante muito tempo dentro d'água. O PERITO (uns 40 anos) analisa o corpo.

PERITO — Vocês estão de frente à Andréa Matias Lopes. Vinte e três anos, foi encontrada à margem do rio agora pela manhã. Ao que tudo indica, Andréa morreu estrangulada.

PAULO — Estrangulada?!

PERITO — Sim. Ela foi estrangulada e depois jogada no rio.

PAULO — Meu Deus, que crueldade!

PERITO — O estranho é que eu busquei registros das digitais que encontrei no pescoço dela, e não há nada nos nossos sistemas.

PAULO — Impossível. Tem certeza?

PERITO — Eu não brinco em serviço, meu caro.

PAULO — Há indícios de estupro?

PERITO — Não, não.

DORA — (devastada) Eu prometi pro pai dessa menina que iríamos encontrá-la.

PAULO — Dora, não é sua culpa.

DORA — Mas é claro que é, Paulo. Se a gente já tivesse pegado esse crápula desgraçado, nada disso teria acontecido.

PAULO — Ei, calma! Nós vamos capturar esse desgraçado e quando pegarmos vamos fazer com que ele não saia da cadeia pela próxima eternidade. Deixa que eu dou a notícia para o Carlos, tá?

PERITO — Gente, outra coisa estranha...

PAULO — Outra?

PERITO — Essa nem eu entendi. Eu encontrei, sob a pele dela, resquícios de uma substância antiga, mas, ao mesmo tempo, nova.

DORA — Explica melhor isso aí.

PERITO — Sob a pele dela tinha uma substância chamada *palenol*.

PAULO — E o que é isso?

PERITO — É uma planta usada na antiguidade para tratamento de doenças mentais que eram consideradas incuráveis. Os povos antigos costumavam fazer sumos dessa planta e dar ao enfermo. Se desse a dose certa, a pessoa poderia ser controlada. Uma dose errada... E a pessoa entrava numa psique eterna, sem cura. Junto dessa substância, encontrei outra usada para produção de remédios atuais também para doenças mentais.

DORA — Tá, e o que isso tem a ver com o caso?

PERITO — Ué, os detetives são vocês. Descubram!

PAULO — Espera aí, remédios... Aquela senhora maluca não tava falando de um mal que tava saindo da farmacêutica?

DORA — Aquela velha é doida.

PAULO — Bom, mas se o que ela tiver falando tenha a ver com os casos, não seria melhor investigar?

REAÇÕES, E:

CENA 26 — INT. FARMACÊUTICA — SALA PRESIDÊNCIA — DIA

Dora e Paulo estão diante de JUNQUEIRA (50 e poucos anos), dono e presidente da empresa.

JUNQUEIRA — Detetives da polícia, que prazer tê-los aqui.

DORA — Bom, talvez a nossa conversa não seja tão prazerosa como o senhor queira.

JUNQUEIRA — Ora, por quê?

PAULO — Doutor Junqueira, estamos investigando uma série de assassinatos que tem ocorrido na cidade. Todas as vítimas são jovens, moças, sempre entre vinte e trinta anos.

JUNQUEIRA — Bem, espero que eu não seja um dos suspeitos.

DORA — Não sabemos. O senhor é?

JUNQUEIRA — Mas que coisa! Por que eu mataria uma série de jovencinhas, hein? Qual motivo teria?

PAULO — Não sabemos, por isso viemos aqui. O fato, doutor, é que todas as moças encontradas estavam cobertas por substâncias químicas usadas na produção de medicamentos. Se as moças são do Amazonas, dessa cidade, e a sua farmacêutica também, isso significa que/

JUNQUEIRA — Meça suas próximas palavras, policial.

DORA — Se eu fosse o senhor, eu mediria minhas palavras. Não se esqueça que está diante de policiais de investigação e não nos importamos com a merda de influência que o senhor tenha.

JUNQUEIRA — Retirem-se daqui!

DORA — Ora, ora, ora... Parece que atingimos um ponto fraco do senhor, hein?

JUNQUEIRA — Olhem aqui, eu não matei nem mandei matar ninguém. Dessa, eu estou livre.

DORA — Isso quer dizer que tem alguma culpa no cartório. E é visível nos seus olhos.

JUNQUEIRA — Eu acredito que já disse tudo que queriam saber. Agora, saiam!

REAÇÕES, E:

CENA 27 — EXT. FARMACÊUTICA — PÁTIO — DIA

Dora e Paulo saindo da farmacêutica.

DORA — Eu acredito que não foi ele.

PAULO — Sério?

DORA — Sim. Pelo nervosismo dele, principalmente depois que falamos das substâncias, no máximo, ele é suspeito de um crime ambiental.

PAULO — Não sei, não. Eu acho melhor a gente ficar de olho. Não sabemos quem ele é e, pela reação, tem cara de ser barra pesada.

Dora entra na viatura.

Paulo nota um caminhão sendo carregado com uns barris suspeitos.

CENA 28 — INT. VIATURA — DIA

Paulo estaciona a viatura próxima à margem do rio. Logo à frente, uma multidão. Parecem estarem impactados pelo que veem.

Dora, instigada, decide observar o que é.

CENA 29 — EXT. MARGEM DO RIO — DIA

Dora e Paulo vão se aproximando, muitas pessoas conversando entre si, preocupadas. A polícia ambiental já está por ali averiguando. Paulo vai falar com um agente da polícia, enquanto Dora aproxima da margem. Vê toda a cena, impactada.

FLASHBACK, cena 24:

LUCINDA — Ele é inocente! Tudo isso é culpa daquela farmacêutica! O mal está saindo de lá e está matando nossos peixes, poluindo nossos rios... Tirando nossas vidas. Ele não é o culpado, coitado. Ele tá sendo usado. Você precisa me ajudar a encontrá-lo. Ajude-nos!

FIM DO FLASHBACK.

A imagem dos peixes mortos deixa Dora intrigada.

Paulo, então, traz informações.

PAULO — Falei com os caras da ambiental. Eles tão pensando que o rio foi contaminado por uma substância muito forte.

DORA — Pra ter causado todo esse desastre, deve ser uma substância muito potente. Eles já sabem qual é?

PAULO — Ainda não. Tão levando material pro centro de pesquisa.

DORA — Primeiro, uma série de desaparecimentos e assassinatos de garotas. Depois, aquela senhora louca que me perseguiu com aquela história maluca. Agora, isso...

PAULO — O quê que cê tá achando?

DORA — Tem algo de muito estranho acontecendo, Paulo. Muito estranho mesmo. Algo que está além de tudo que já vimos.

PAULO — (brinca) Deu pra acreditar no sobrenatural agora?

DORA — Não dizem que tem uma primeira vez pra tudo?

PAULO — Sério isso?

DORA — Sério ou não, tenho que procurar a velha louca. Preciso falar com ela. Ela deve saber de algo e vai me contar!

TEMPO, E:

CENA 30 — EXT. CASA DE LUCINDA — DIA

Dora estaciona a viatura, desce. A casa de Lucinda é uma casa antiga, recantada da cidade, cheia de desenhos místicos nas paredes.

Dora fica muito impressionada com tudo aquilo. Vai olhando os detalhes de uma pintura na parede da casa.

Até que Lucinda pega-a de surpresa.

LUCINDA — Procura alguma coisa?

DORA — (assustada) Ah, oi.

LUCINDA — O que a senhora faz aqui?

DORA — Eu... Eu preciso falar com você.

LUCINDA — Já sei. É sobre o boto?

DORA — (sem entender) Boto?!

LUCINDA — Vamos, entra. Nossa conversa vai ser longa.

Lucinda entra. Dora continua sem entender.

CENA 31 — INT. CASA DE LUCINDA — SALA — NOITE

Lucinda serve um chá à Dora, que está sentada no sofá.

LUCINDA — Eu não sei muita coisa sobre essas garotas. Não as conheço.

DORA — Mas a senhora sabe quem é a pessoa que matou elas.

LUCINDA — (enfática) Não é uma pessoa, é uma criatura.

DORA — Uma criatura?! Que história é essa?

LUCINDA — Minha querida, existem muitos mistérios nessa vida. Mistérios esses que não conhecemos por completo.

DORA — Do que a senhora tá falando?

Lucinda levanta e busca um livro grande, arrojado, que está por ali. Ela abre, procura por uma página específica. Alegra-se ao encontrar o que procura e entrega a Dora.

LUCINDA — Veja...

DORA — Que isso?

LUCINDA — Não conhece?

DORA — (ri) Não, sim, conheço. Mas... Esse é o... O boto.

LUCINDA — Correto.

DORA — Mas o que o boto tem a ver com as mortes daquelas meninas?

LUCINDA — Muita coisa. Ele está possuído por algo, um espírito, não sei. Olha, não é culpa dele. Ele está fazendo tudo isso, mas não está em sã consciência. Faz sem pensar.

DORA — Escuta, dona Lucinda, a senhora está me dizendo que o culpado pela morte de dezenas de garotas é o boto, uma figura folclórica que nem existe de verdade?

LUCINDA — Não ouse a dizer isto, minha cara! Você não sabe da verdade. Eles existem e estão enraizados aqui!

DORA — Pelo amor de Deus, daqui a pouco a senhora vai me dizer que a Lara e a Cuca também são reais e andam por aí que nem gente!

LUCINDA — Escuta, Dora! Não há tempo para indagações e incredulidade. Você precisa ajudar este rapaz. Se você não o ajudar, ele fará outra vítima. Depois outra, e mais outra... Precisamos pegá-lo e trazê-lo até aqui, para eu fazer o ritual e libertar a alma dele.

Dora levanta, entrega o livro de volta à Lucinda.

DORA — Eu tô pensando que eu perdi a viagem vindo até aqui. Pensei que a senhora fosse me ajudar, mas, pelo visto... A senhora está louca!

LUCINDA — Não adianta fechar os olhos para a verdade, Dora!

Dora sai.

LUCINDA — Não adianta!

TEMPO, E:

CENA 32 — EXT. ESTRADA — NOITE

Um caminhão baú é estacionado próximo à beira do rio. Uns três homens descem, abrem e vão tirando de dentro alguns barris. MENDONÇA (uns 50 anos) dá algumas orientações aos homens.

Cautelosamente, Paulo estaciona seu carro logo atrás e observa toda a movimentação. Paulo estranha, saca a arma, desce do veículo.

Os barris são abertos e despejados um líquido verde no rio.

Paulo se aproxima com a arma em punho:

PAULO — TODOS COM AS MÃOS PARA O ALTO AGORA!

FUNDE COM:

CENA 33 — INT. RIO — NOITE (DENTRO D'ÁGUA)

O líquido verde se dissolve na água e vai tomando conta. Peixes que nadam por volta da água contaminada vão morrendo e ao fundo vemos um grande peixe se aproximando, é um boto.

Seus olhos ficam amarelados.

NO SUSTO:

CENA 34 — INT. BARZINHO DO RECANTO — NOITE

O garçom despeja uma bebida num copo sobre a mesa. Uma mão feminina pega o copo e leva até a boca, é Dora. Ela analisa o ambiente enquanto bebe. Vê Téó conversando bem próximo de uma moça no balcão, entrosados. Desconfia.

Um rapaz com chapéu branco entra no bar, vemos logo que é Vitor. Ele vai até o balcão e pede uma bebida. Dora olha para ele, e ele, ao sentir, olha para ela. Ele sorri, Dora fica desconsertada.

Dora volta a olhar para Téó, que pega a moça pelo braço e vai levando para fora do bar aos beijos.

Dora levanta e vai para segui-los, até que Vitor toma a frente, seduz Dora.

VITOR — Você é daqui?

DORA — Desculpa, estou a trabalho.

VITOR — A trabalho em um bar? Que trabalho é esse? Diz aí pra ver se tem vagas ainda.

DORA — Com licença.

Dora sai.

Vitor acompanha a saída de Dora, sorri.

CENA 35 — EXT. BARZINHO DO RECANTO — NOITE

Dora sai, não vê mais ninguém.

De repente, ouve um barulho de garrafas se quebrando. Saca a arma. Segue o barulho, correndo rumo ao estacionamento improvisado do bar. Muitos carros e motos. Ela segue se esquivando.

Ouve um gemido alto feminino. Apressa os passos, vê um carro balançando. Engatilha a arma, ouve alguns gemidos. Mirando, segue o carro e quando vai em frente dá de cara com uma cena um pouco constrangedora:

DORA — (constrangida) Oh, meu Deus!

A moça do bar deitada com as pernas esguichadas e Téo por cima saindo de uma transa frenética e intensa.

TÉO — Detetive?!

DORA — Ah, me desculpa. Eu.../ Eu.../ Eu não vi nada. Desculpa!

Dora sai dali, ajeitando o cabelo, envergonhada. Guarda a arma.

Instantes até Vitor, que surge encostado na parede do bar.

DORA — Você de novo?!

Vitor aproxima.

VITOR — Não sei o porquê, mas gostei de você.

DORA — Ah, é?

VITOR — Sim.

Vitor revela os olhos tomados pela cor amarela, assustadoramente.

NO SUSTO DE DORA:

CENA 36 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AMAZONAS — INTERROGATÓRIO — DIA

Mendonça sentado diante Paulo, que espera por respostas.

MENDONÇA — Eu estou te dizendo a verdade, detetive. Não somos culpados pela morte dessas garotas.

PAULO — Tá certo. Mas o que vocês faziam à margem do rio com tantos barris? O que jogavam ali?

MENDONÇA — Não posso dizer.

PAULO — E nem precisa. Eu imagino que tudo aquilo seja descarte de produtos químicos farmacêuticos, ou tô enganado?

MENDONÇA — Escuta, cara, eu não tenho culpa. Só sou um empregado.

PAULO — Ah, claro.

MENDONÇA — Junqueira que nos pediu para descartar aquele material no rio. Ele não queria ter provas de tantas falhas com a produção do novo remédio da farmacêutica.

PAULO — Fazer o descarte no rio faria com que os acionistas não o pressionassem, não é isso? O senhor sabia que vocês serão autuados por descarte ilegal de produtos tóxicos na natureza? Além disso, vão ter que pagar uma alta indenização aos pescadores, à população, pelo estrago que fizeram. Mas, como essa parte não é conosco, passo seu caso para a polícia ambiental.

Dois policiais ambientais entram na sala.

MENDONÇA — Como assim?

PAULO — Esses dois caras vão cuidar do seu caso. Tome cuidado, eles não são nada simpáticos.

Paulo sai.

Mendonça fica sem jeito diante os dois policiais.

MENDONÇA — Oi... Tudo bem?

TEMPO, E:

CENA 37 — EXT. FLORESTA — CASEBRE — NOITE

Dora vai acordando, está jogada no chão. Ouve choro de um homem, é Vitor. Ele está recanteado no chão, cabeça entre as pernas, chora...

VITOR — (atordoado) Eu não tive culpa. Eu não tive culpa! Desculpa, desculpa...

Dora assustada ao observar o corpo de outra garota desmaiada, se apavora. Ela vê sua arma em cima de uma mesinha no canto da parede, vai se aproximando lentamente, devagar, tomando cuidado para Vitor não vê-la.

VITOR — Eu não sei o que realmente tá acontecendo comigo. Eu mudei muito... Mas não sou assim.

De repente, Vitor sente uma forte dor de cabeça, grita, põe as mãos na cabeça e logo abre os olhos amarelados.

Dora está por um triz de pôr as mãos na arma, os dedos quase tocam/

Vitor vem em sua direção andando feito animal de quatro patas, rápido...

VITOR — Tentando fugir, minha garota? Daqui você não sai.

Dora vai para pegar a arma, Vitor AVANÇA em cima dela, Dora dá um chute e ele cai distante. Dora levanta, corre para fora da casa.

CENA 38 — EXT. FLORESTA — NOITE

Dora corre entre as árvores, não sabe onde está.

Vitor sai da casa aos gritos, furioso.

VITOR — Não adianta correr, minha garota. Eu sempre pego vocês.

Olha para todos os cantos, não encontra a detetive. Ouve um barulho nos arbustos, corre para ver o que é --

Mas é atacado por Dora, ao surgir detrás de uma árvore, e dá-lhe dá uma porretada com um pedaço de pau.

Vitor cai desmaiado.

Dora olha o corpo estirado, aproxima devagar, sente o pulso. Está vivo. Entretanto, algo lhe chama a atenção: um furo de tamanho médio no centro da cabeça de Vitor. Ela fica impressionada.

NA DESCOBERTA DE DORA:

CENA 39 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AMAZONAS — NOITE

Dora entra com Vitor algemado e com um pano na cabeça. Os outros policiais pasmos diante a cena da detetive toda suja, machucada e o "culpado" preso.

Todos aplaudem.

TEMPO, E:

CENA 40 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AM. — SALA DE ESCUTA — NOITE

Paulo e Paranhos parabenizam Dora.

PARANHOS — É, tenho que te dar os parabéns. Você pegou o cara. Agora, é só avisar aos abutres da mídia e à população. Acabou, Dora! Acabou.

Paranhos sai.

PAULO — Estou impressionado com a sua coragem. Como conseguiu encontrá-lo?

DORA — Ele me sequestrou.

PAULO — E você não me avisou, não ligou pra cá?

DORA — Fiquem sem bateria.

Dora não para de olhar para Vitor pelo espelho.

PAULO — O que foi?

DORA — Nada.

EM DORA:

CENA 41 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AM — INTERROGATÓRIO — DIA

Dora entra, senta.

DORA — Você não vai falar nada?

VITOR — Desculpa, falar o quê?

DORA — Você está sendo acusado de ter matado oito moças só nessa semana. Um surto. Como que, do nada, você resolve matar oito garotas, hein? Sim, porque você não tem registro de foto no nosso sistema. Você veio pra cá só pra fazer isso?

VITOR — Eu não tive culpa de nada. Eu não matei aquelas garotas, não sou um assassino.

DORA — Sério? Sabe que eu também não acho. Você é muito bonitinho, bem ajeitado, no máximo você é uma figura folclórica, quem sabe um boto.

Vitor reage, fica feliz.

VITOR — Você sabe quem eu sou? Sabe que eu...

DORA — Que você é o boto? (dá gargalhadas) Ah, cara, sério isso? Você vai alimentar também essa loucura?

VITOR — Se eu não voltar pra casa, vou morrer aqui.

DORA — Hum, tá? E onde você mora? No rio?

VITOR — Isso.

DORA — Certo. E eu sou a lara, uma sereia linda, tá vendo? Moro no mar, que faz braço com sua casa. Quando puder, me faça uma visita. Não vou te enfeitiçar com meu canto.

VITOR — Se você não acredita em mim, por que tá aqui?

DORA — Eu quero ver até onde vai esse teu cinismo. Mas já que você não vai falar nada, eu só te dou um aviso: você vai pra um lugar maravilhoso. Um lugar onde você vai passar os piores anos da sua vida. Os piores. Então, curta seus minutinhos nessa sala ampla, tá?

Dora levanta.

DORA — Espere, pois, chamei o médico pra ver esse furo na sua cabeça que, cá entre nós, é muito estranho. Não sai sangue nem nada.

VITOR — É porque eu respiro por ele.

Dora, ao ouvir, fita os olhos em Vitor, e sai da sala.

CENA 42 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AMAZONAS — NOITE

Dora vai saindo da sala, Paulo a espera.

PAULO — Sabem que está aí?

DORA — Ah, não me diga que o boto tem advogado agora.

PAULO — Advogado, eu não sei. Mas, seguidora, suponho que sim.

Paulo faz sinal, e Dora vê Lucinda sentada esperando.

PAULO — Ela quer falar com o cara. Vamos deixar. Quem sabe assim ela tira alguma coisa dele?

Dora pensa, decide:

DORA — Tá. Cinco minutos.

CORTA PARA:

CENA 43 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AM — INTERROGATÓRIO — DIA

Lucinda entra, devagar, se aproxima de Vitor. Ela está muito emocionada em vê-lo. Chora.

LUCINDA — Eu esperei por você durante anos, mas nunca consegui te encontrar. Meu amor, ah, meu amor... Eu te amei como nunca amei um homem antes.

VITOR — Quem é você?

LUCINDA — Você não deve se lembrar de mim, afinal, nosso encontro foi há mais de cinquenta anos.

Retira do bolso uma foto antiga, e ao olhá-la vemos Lucinda aos 20 anos junto a um rapaz, o mesmo que está na sua frente após mais de 50 anos, do mesmo jeito que antes. Não mudou nada.

LUCINDA — Olha essa foto...

Vitor olha, muda o semblante.

LUCINDA — Lembra desse dia? Um dos dias mais felizes que tivemos juntos, meu amor. Lembra que meu pai não queria que ficássemos juntos? Brigamos, depois disso você sumiu.

VITOR — Lucinda... É você?!

LUCINDA — Você lembrou de mim. Eu passei anos te procurando. Anos. Até que um dia eu te vi, saindo do rio, lindo. Ali, entendi o que você era e o porquê de ter sumido por tanto tempo. Mas agora, não. Você está aqui, está precisando de ajuda, e eu vou te ajudar.

Vitor, agora, passa mal. Parece estar perdendo o ar, sua pele visga como pele de peixe fora d'água.

LUCINDA — O que tá acontecendo? Socorro! Socorro!

Vitor cai no chão.

Dora e Paulo entram. Paulo corre para socorrê-lo.

Lucinda puxa Dora.

LUCINDA — Nós precisamos tirá-lo daqui. Ele precisa voltar pra casa dele. Aqui não é o lugar dele!

Paulo, ao pegar no braço de Vitor, vê sua mão encharcada por uma gosma.

PAULO — Mas o que é isso?

Lucinda mostra a foto para Dora.

LUCINDA — Veja! Este é ele mais de cinquenta anos atrás. Olha, do mesmo jeito que tá agora. Você ainda tem alguma dúvida de que ele seja realmente uma figura sobrenatural? Tem, detetive?

Dora fica perplexa, não entende.

CENA 44 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AM — ENFERMARIA — DIA

Vitor estrebuchando na cama. Os médicos tentam acalmá-lo, mas os remédios aplicados não fazem efeito, ninguém sabe mais o que fazer.

VITOR — Água! Eu preciso de água! Preciso voltar pra casa!

Dora entra na sala, ouve ele pedindo por água, corre para o banheiro.

CORTA PARA:

Dora traz um balde pequeno com água e joga em Vitor, acalmando-o um pouco.

Todos ASSUSTADOS na sala.

CENA 45 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AMAZONAS — NOITE

Dora vem, atordoada, puxa Paulo no canto.

DORA — Tem algo de estranho, Paulo.

PAULO — De novo essa história?

DORA — Não, dessa vez eu tenho certeza! Não estamos lidando com algo normal, não.

PAULO — Dora, você tá estressada, é isso.

DORA — EU NÃO TÔ ESTRESSADA!

O alarme da delegacia é acionado.

Dora corre para enfermaria.

CENA 46 — INT. DELEGACIA DE P.C. DO AM — ENFERMARIA — DIA

Vitor não está mais na cama.

DORA — Ele fugiu! CACETE!

Dora fica atormentada, corre.

CENA 47 — INT. CASA DE LUCINDA — NOITE

Viatura estaciona.

Dora e Paulo descem, sacam as armas, ligam as lanternas. Tudo muito silencioso, portas abertas.

PAULO — Se ele estiver aí, o que vamos fazer?

DORA — Matá-lo!

Os detetives entram.

CENA 48 — INT. CASA DE LUCINDA — NOITE

Dora entra junto a Paulo. Tudo escuro.

CORTA PARA: COZINHA.

Procuram por Lucinda.

DORA — Lucinda?

Seguem.

CORTA PARA: FUNDOS.

Deparam-se com uma cena estranha: Um tanque cheio de água com velas acesas ao redor, e Lucinda com um chumaço de plantas secas queimadas bafando fumaça ao redor do tanque enquanto fala palavras em uma língua desconhecida. Nota-se que há uma escadinha de madeira ao pé do tanque.

Dora e Paulo não entendem.

DORA — Lucinda, sou eu, Dora. Viemos pegar o Vitor. Ele precisa voltar pra delegacia.

Lucinda faz que não ouve e continua falando em outra língua.

Dora então se aproxima.

LUCINDA — Não se aproxime! Eu disse a você que ele era o boto e que precisava de ajuda. Eu estou ajudando.

DORA — Lucinda, ele é um criminoso que precisa voltar pra cadeia.

LUCINDA — Você não entende. Isso aqui é um ritual que vai libertar a alma dele do mal.

De repente, uma ventania sopra. Uma luz muito forte sai das águas de dentro do tanque. Dora recua, Lucinda fala as palavras com entonação mais grave, mais rápido, durante instantes, e a luz, num súbito, se vai.

LUCINDA — Viram? Funcionou. Agora, ele está liberto.

A calma não dura muito, até Vitor saltar de dentro do tanque e cair em pé com os olhos amarelos olhando para Dora.

Dora e Paulo reagem apontando a arma.

LUCINDA — Por favor, não matem!

Vitor, que está tomado por uma força desconhecida, com os olhos amarelos, tão amarelos que não vemos sua íris, parte para cima de Dora.

Mas antes que ele consiga agarrá-la, Paulo toma a frente e lhe dá um soco. Vitor, que não se abala com o soco, agarra Paulo pelo pescoço, suspende-o, está com uma força enorme. Leva-o até o tanque subindo pela escadinha e ameaça-o jogar ali dentro.

LUCINDA — Não faça isso, Vitor! Não seja o que eles dizem que você é.

Vitor aperta mais forte a garganta de Paulo. Dora, atordoada, engatilha a arma, e:

DORA — Ei, filho da puta! Solta ele!

Vitor não ouve o que Dora disse, e suspende mais um pouco Paulo.

DORA — Eu mandei você soltar!

Dora atira três vezes seguidas em Vitor, que vai desfalecendo nos braços de Paulo, e cai no tanque.

LUCINDA — (grita, desesperada) Não!

Paulo, no chão, procura ar.

EM DORA, SÉRIA:

CENA 49 — EXT. CASA DE LUCINDA — NOITE

Lucinda sendo tratada por técnicos de uma ambulância. Muitos carros da polícia.

Dora e Paulo vão saindo da casa, discutem sobre o que aconteceu.

PAULO — É, eu ainda não sei o que aconteceu ali dentro, mas seja o que for, com certeza, não era desse plano.

DORA — Ah, agora você acredita no sobrenatural, no folclore?

PAULO — Você acredita?

DORA — Eu não sei mais de nada. Só sei que não vai ser legal pôr no B.O que fomos atacados pelo boto selvagem!

Riem.

Os enfermeiros se aproximam com uma maca.

ENFERMEIRO #1 — Onde está o corpo?

PAULO — Nos fundos, no tanque.

Eles entram.

Dora observa Lucinda, que parece fazer uma oração. Ela estranha.

PAULO — Parece que a velha continua maluca.

DORA — Consegui ligar para um dos parentes, talvez o único.

PAULO — Ah, é? Quem?

DORA — Um filho. E pelo que ele disse, parece que a nossa amiga ficará uns dias numa casa de repouso.

PAULO — Você quis dizer hospício, né?

O enfermeiro #1 vem de dentro da casa com uma notícia.

ENFERMEIRO #1 — Vocês têm certeza que há um corpo no tanque?

DORA — Claro que sim

ENFERMEIRO #1 — Venham ver.

Dora e Paulo seguem o enfermeiro.

CORTA PARA:

CENA 50 — INT. CASA DE LUCINDA — FUNDOS — NOITE

Os enfermeiros, Dora e Paulo ficam diante do corpo de um boto cor-de-rosa perfurado em três locais das costas no tanque.

Paulo olha para Dora sem acreditar.

PAULO — Não pode ser.

Na surpresa de Dora,

TELA ESCURECE.

CRÉDITOS.

FIM
